

QUANDO OS 'ERROS' NÃO SÃO SÓ 'ERROS': POR UMA VISÃO DISCURSIVA DA PRODUÇÃO ORAL DE APRENDIZES DE PORTUGUÊS - SEGUNDA LÍNGUA

ANA SILVIA ANDREU DA FONSECA

Fundação Getúlio Vargas – RAE¹
anasilvi@aol.com

1. Introdução

Este artigo põe em questão os tratamentos dados a “erros”, “falhas”, “faltas” – ou “inadequações gramaticais” – presentes na fala de aprendizes proficientes e fluentes de Português Segunda Língua. Observando a produção oral de falantes de alemão em contexto pedagógico sob a ótica da Análise

do Discurso (ou AD), percebe-se que o que tem sido tratado pela lingüística teórica e aplicada por “erro” vai muito além dessa designação.

O que se coloca em jogo nos processos discursivos são a constituição sócio-histórica do sujeito, sua inserção em dadas formações discursivas e imaginárias e o encontro (ou confronto) entre ele e uma nova realidade sócio-discursiva. Frente a essa complexidade, como caracterizar por “erros” enunciados do tipo “eu foi o chefe” ou “quando você vejo um brasileiro...”? Algo além das gramáticas pedagógicas está se mostrando no sujeito, exibindo um descentramento, uma fissura, uma mobilização, um deslocamento de posição enunciativa. Nossa hipótese é que erro seria, isto sim, caracterizar tais movimentos como meros “erros”.

Partindo do pressuposto de que as não-correspondências em questão devem ser consideradas parte do processo de inscrição do sujeito em uma segunda língua-cultura, realizamos um estudo da repetibilidade, operando com a noção de ressonância discursiva (Serrani-Infante, 1991, 1993 e 2001), que, por permitir analisar repetições de marcas lingüístico-discursivas e modos de dizer no discurso, acaba por revelar a construção de uma realidade imaginária do sentido que para dado sujeito se coloca.

2. “Inadequações gramaticais”, pessoa e imaginário

2.1 Sobre as “inadequações gramaticais” em estudos de L2

As revistas especializadas publicam, no geral, artigos que primam por caracterizar quaisquer não-correspondências entre elementos gramaticais como “erros”, “faltas” ou, ainda, “fenômenos” e “anomalias lingüísticas” em L2². Esses tratamentos já indicam-nos que, embora os “erros” dos aprendizes de línguas tenham ganhado uma relativa projeção nos estudos da área, foi-nos deixado um caminho ainda a percorrer: problematizar mais profundamente os processos enunciativos e as estratégias de aprendizagem ou de não-aprendizagem.

Há indicativos interessantes sobre as “inadequações gramaticais” e suas possíveis origens, entretanto todos giram em torno das gramáticas pedagógicas, do que elas estabelecem de contato com o sistema da língua materna e da metalinguagem. Um trabalho, porém, chama a atenção por sua contribuição aos rumos das pesquisas em lingüística aplicada no que se refere ao estudo de “inadequações gramaticais”: o de Castro e Doi (1995). Além das pesquisadoras trazerem à discussão um autor que foi pioneiro na importância da observação do “erro”, Frei (1929, apud Castro e Doi), primam por afirmar o quanto os “erros” podem revelar sobre a linguagem no que diz respeito aos processos envolvidos no uso da língua pelo falante e por rejeitar uma posição normativista.

Os trabalhos a que nos referimos acima, no geral, mesmo contribuindo para os estudos acerca da aquisição de línguas, não centram suas observações naquele que enuncia em primeira pessoa - eu - enquanto sujeito, em sua constituição socio-histórica, discursiva, inconsciente. Em nosso caso

específico, centralizamos os estudos de caso em uma articulação entre as não-correspondências de pronome e pessoa verbal e o sujeito que as enuncia - sua posição enunciativa, a rede das relações imaginárias da qual participa e suas identificações.

2.2. A noção de “erro” em estudos de aquisição da linguagem

Em aquisição de primeira língua alguns trabalhos se sobressaem em função de uma abordagem do fenômeno que não nos parece ser reducionista. Destaco nesse caso as observações de Pereira de Castro (1997). A autora considera algumas ocorrências de “erros” durante aquisição da linguagem pela criança e nota que, frente à ocorrência de um “erro”, havendo ou não espaço para o estranhamento em função da diferença e da heterogeneidade instaladas pela ação da língua, há uma clara referência à identificação imaginária – quando um sujeito se identifica com dada imagem.

Destaco também o trabalho de Carvalho (1995), pois em seu estudo o erro é discutido sem ser concebido como um dado reconhecível em si mesmo, uma vez que, segundo a autora, no que diz respeito àquele que produz o erro, trata-se de um sujeito atravessado pelo impasse e, portanto, não idêntico a si mesmo. Analisando erros de pessoa - de nominalização ou reversão de pronome, sobretudo aquela que envolve o “eu” e o “tu” - na fala da criança em processo de aquisição de linguagem, Carvalho (id., p.125) pontua que, segundo Chiat, “*o Eu pode se referir ao interlocutor ao invés do locutor e o Tu pode se referir ao locutor ao invés do interlocutor*”, mostrando-nos que as imagens de si e do outro intercambiam-se no dizer.

2.3. “Persona”: sobre a pessoa gramatical

Para definirmos o conceito de pessoa gramatical, de suas possíveis origens até o uso que dela fazem hoje as línguas modernas, consideramos o trabalho de Pelly (1986) – afinal, as não-correspondências observadas ocorrem entre dois elementos que definem a pessoa: o pronome de caso reto e o verbo.

Segundo Pelly, ao traçar as possíveis raízes de persona, os autores coincidem em relação à palavra grega empregada na gramática de Dionísio de Trácia (aproximadamente no século 100 a.C.). Ela derivaria de uma preposição, $\pi\rho\sigma\tau$, que “*adquiere (...) algunas de las significaciones siguientes: hacia, contra, frente, de, por, delante, junto a, ante, etc.*”, unida a um substantivo, $\omega\psi$, que significa: “*ojo, aspecto, cara, vista, máscara, continencia, faz, semblante, etc.*”. (Pelly, 1986, p.3). Sobre as raízes do termo latino de persona, a hipótese mais provável é aquela que vê sua origem na derivação direta e somente do etrusco $\phi\epsilon\rho\sigma u$, que significava “*máscara*” ou “*pessoa mascarada*”.

É interessante observarmos que na origem da significação de persona gramatical está o conceito de imagem (a ser tratado mais à frente), pois por pessoa gramatical queremos significar o conjunto de elementos existentes em cada língua que faz surgir, na mente dos falantes e dos estudiosos da

linguagem, “la imagen de diferentes entidades que se involucran en el efecto (acción, estado, etc.) del verbo” (Pelly, 1986, p.14). E é essa imagem que, por sua vez, deixa-se representar através da persona gramatical: “La significación de cada persona gramatical tiene, pues, una ‘resonancia’ social, una conotación” (id.ib., p.63).

Os estudos de Pelly sobre pessoa gramatical contribuem ao nosso trabalho à medida que a relacionam com as imagens que o homem, enquanto enunciador, faz de si e dos demais, mostrando-nos que as “falhas” na cadeia discursiva que se referem à pessoa gramatical dizem respeito, de alguma maneira, ao conceito de imaginário.

2.4. O imaginário

Dizer que ao entrar em contato com uma segunda língua-cultura um sujeito se encontra envolvido em novos imaginários e em relações imaginárias outras que acabam por mostrar, por sua vez, dimensões outras desse mesmo sujeito, aponta, antes de mais nada, para a necessidade de definir o que tomamos por imaginário e quais suas implicações no deslocamento subjetivo em aprendizes de língua.

A noção de imaginário abarca uma tripla função: uma diria respeito ao conjunto de imagens, mais ou menos compartilhadas entre os (co)enunciadores, de dado objeto (Durand, 1969); outra às relações estabelecidas entre as imagens feitas de um e do outro entre os (co)enunciadores, bem como do referente da enunciação, a partir das posições enunciativas, constituídas sócio-historicamente, ocupadas por um e por outro (Pêcheux, 1995); e ainda uma outra, influenciando a função anteriormente descrita, caracterizada na teoria da psicanálise lacaniana como a representação que vem dar sentido exatamente ao irrepresentável (Melman, 1992).

Os estudos sobre imagem e imaginário, iniciados no final do século XIX tematizando a iconicidade, prosseguiram na semiologia, na lingüística, nas ciências sociais, na psicanálise e na análise do discurso. Sercovich (1977, p.30) declara: “*Llamaré dimensión imaginaria de un discurso a su capacidad para remitirnos ‘en forma directa a la realidad’*”, mesmo que aí surja uma contradição no que se refere ao fato de, pelas premissas do racionalismo e do empirismo clássicos, ao imaginário opor-se o real. O autor acaba, assim, por denominar “‘*imagen*’ a la unidad analítica de todo proceso discursivo” (id.ib., p.32) constatando, nesse sentido, que a imagem acaba por reconhecer condições de produção específicas.

E o que seriam essas condições de produção? De acordo com Pêcheux, participam das condições de produção tanto a posição dos protagonistas do discurso, isto é, “uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pêcheux, 1997, p.82), quanto o “referente”, “o contexto”, “a situação” na qual aparece o discurso. Mas sublinhemos “que se trata de um objeto imaginário (a saber, o ponto de vista do sujeito) e não da realidade física” (id. ib., p.83)

Em contexto pedagógico, por exemplo, A e B designam os lugares do professor e do aluno, ou na esfera transcultural que trabalhamos, designam os lugares do brasileiro e do estrangeiro de língua materna alemã. Todo processo discursivo, em língua materna ou segunda, supõe a existência de formações imaginárias. E, tendo em vista os estudos de caso, definimos neste momento as formações imaginárias que implicitamente estaremos considerando:

1. A imagem do lugar do Brasil e do brasileiro para o estrangeiro, isto é, a imagem que o estrangeiro faz do Brasil e do brasileiro; e

2. A imagem do lugar do estrangeiro para o próprio estrangeiro, isto é, a imagem que o estrangeiro faz do lugar que ocupa, ou ainda, a imagem que o estrangeiro faz de si mesmo.

3. Não-correspondências entre a pessoa pronominal e a verbal

O fenômeno que particularmente nos interessa observar é a não-coincidência³ do próprio sujeito ao enunciar-se (isto é, *de si consigo*). Não são raros os momentos em que não há correspondência entre o pronome pessoal do caso reto anunciado e a pessoa verbal a ele relacionada. O caso mais freqüente se relaciona com a primeira pessoa verbal do singular (*eu*) e a terceira (que pode referir-se aos pronomes *você*⁴, *ele*, *ela* ou “*a gente*” - que, no Brasil, é aplicado tanto a um substantivo coletivo quanto ao *nós* informal, que é o que aqui nos interessa já que cumpre no uso, assim como “*você*”, a função de um pronome pessoal do caso reto).

Dessa forma são comuns enunciados do tipo “*eu foi*” e “*ele quero*” surpreendentemente quando os aprendizes já se encontram num nível intermediário ou até avançado de proficiência ou fluência, ou seja, quando o conhecimento já é suficiente para que tal não-correspondência não mais ocorresse. E, obviamente, ela não ocorre em todos os momentos da cadeia discursiva. O sujeito que se enuncia como outro emerge somente quando sua posição enunciativa, na impossibilidade de manter-se a mesma, mostra-se outra.

Nossa opção por não fazer uma observação sob um prisma meramente gramatical mas, sobretudo, discursivo, se dá em virtude do já exposto e, também, dada a nossa percepção de que nem sempre o processo de tomada de palavra e de posição ocorre, para os aprendizes, em um mesmo momento do programa de seus cursos. Cada aprendiz terá sua tomada de palavra num ponto diferente da progressão gramatical básica contemplada nos planejamentos de cursos - o que vem mostrar a impossibilidade de reduzir o fenômeno dessas não-correspondências ao conteúdo programático dos cursos de português ou de qualquer outra caracterização que esteja centrada nas gramáticas pedagógicas.

3.1. Estudos de caso

Os fatos lingüístico-discursivos apresentados a seguir advêm de gravações em áudio de aulas individuais de português para estrangeiros e,

no caso de um enunciador específico, a uma entrevista também gravada em áudio sobre a língua portuguesa do Brasil e a comunidade que a faz viver.

Os enunciadores são germânicos, dois alemães e um suíço, que mantêm em comum o fato de terem residido no Brasil por questões profissionais, i.e., por serem funcionários de uma multinacional alemã líder de seu setor tanto na Alemanha quanto em toda a América Latina e em alguns países da Ásia, além de terem todos o alemão como língua materna.

As gravações foram iniciadas quando os aprendizes já tinham residido pelo menos seis meses no Brasil, cursando português para estrangeiros (até mesmo antes de aqui chegarem) e participando de atividades profissionais e sociais com colegas e amigos, em sua maioria, brasileiros, e se estendem ao período de mais de dois anos de moradia no país.

3.2. Ressonâncias discursivas

Nossa preocupação é, além da materialidade, também com o *processo discursivo* - o que, nas palavras de Pêcheux (1995, p.161), designa “*o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinônimas, etc., que funcionam entre elementos lingüísticos - “significantes” - em uma formação discursiva dada*”. São essas relações que tentaremos contemplar na observação das não-correspondências através da noção de ressonância discursiva, desenvolvida por Serrani-Infante (1991; 1993) a partir da concepção de paráfrase de Pêcheux. A noção de ressonância discursiva diz respeito ao exame de fatos lingüístico-discursivos que se repetem, para construir a representação de sentidos predominantes. Em nosso caso isso é observado junto às não-correspondências entre pronome pessoal e pessoa verbal. Aquilo que ressoa estaria então nos dizendo algo sobre as imagens que têm mobilizado o sujeito em processo de inscrição nessa língua-cultura outra, isto é, sobre suas estratégias de aprendizagem e de não-aprendizagem. Para propiciar o trabalho com essas imagens foram escolhidos, para serem utilizados em sala de aula, textos que tratassem de questões de sociabilidade na língua cultura de chegada⁵.

3.3. Seqüências discursivas com não-correspondências do tipo

eu=outro

Vejamos, primeiramente, as seqüências discursivas (sd's) que apresentam pronomes em primeira pessoa e verbos em terceira.

(1) “Prefiro as praias brasileiras (...) Um colega de Alemanha, a foto... a máquina fotográfica dele quebrou, **eu** fez um para ele [...] **Eu** nunca **foi** lá [em Santos]. Sempre Guarujá!” [Hef, 1 ano e 4 meses no Brasil, mostrando fotos de Martha's Vineyard, nos EUA, e de Santos, da via Imigrantes]

A natureza brasileira, mantendo-se como referência, ressoa na opinião de Hef sobre uma ilha norte-americana ao ser esta comparada às nossas praias. Ela se constitui como o objeto imaginário do real exterior com o qual Hef parece se identificar. Rara, entretanto, nos longos elogios em contexto pedagógico de Hef sobre a natureza e a geografia brasileiras, é a ocorrência de

não-correspondências – por sua vez multiplicadas nos enunciados que tematizam o trabalho, a vida profissional, as relações de poder na multinacional alemã.

A presença do colega alemão, na sd (1), deve ser um fator a ser considerado nesse raro caso de não-correspondência. O colega alemão se liga ao movimento de não-correspondência, de equívoco, onde eu=outro. Poderíamos que Hef quisesse dizer “na presença desse colega alemão, ao tratar de natureza e geografia brasileira, mostro-me como outro” – leia-se “como não-alemão”.

(2) “Bom, na minha opinião o país ainda é um país machista... sinto muito. Esta pequena frase “graças a Deus”, **eu** simplesmente **fez** porque também as pessoas mais uma vez riram. Riram, mas... é minha opinião pessoal. **Eu prefere** de morar um país onde as diferenças entre mulheres e homens ainda... são preservantes, exato (...) Bom, geralmente acho que é bom de estar num país machista [...] Como homem, claro. Mas talvez para as mulheres também. Não sei.” [Dok, 1 ano e 7 meses no Brasil]

Nessa seqüência é como se existissem dois “eus” na cadeia discursiva: um que fala em primeira pessoa nessa segunda língua-cultura (*eu*) e outro, o anterior, o das formações discursivas fundadoras, que já se tornou um outro, uma terceira pessoa (*fez, prefere*), que também prefere o machismo ou com ele se identifica.

Seria possível, na realidade alemã, Dok fazer tal afirmação? Afinal, na Alemanha a posição ocupada pela mulher tem outros contornos ideológicos do que no Brasil⁶. Seria então necessário usar, além da língua-cultura do outro, sua própria máscara, sua *persona*. Assim percebemos nas não-correspondências tanto um espaço onde as resistências (em fazer tal ou tal afirmação) são evidenciadas quanto de identificação com o objeto imaginário, no caso o brasileiro.

(3) “Bom, no início, claro, os brasileiros foram muito gentis e ajudam muito simplesmente porque **eu foi** o chefe. Às vezes foi fácil ou possível de convencer as pessoas. Hoje, acho que tenho um nível da língua que... bom, já é suficiente para... bom...dizer o que eu quero e também de falar com mais segurança e também de decidir como falar alguma coisa para realmente alcançar a meta, né?” [Dok, 1 ano e 7 meses no Brasil]

(4) “Mas, claro, **eu foi** consciente que esse parte da palestra sobre a Alemanha [quando a eleger o inimigo comum daqueles que trabalham na filial brasileira] também foi feito para... bom, talvez conscienciar um pouquinho as pessoas e que nós temos problemas mas também a verdade sempre é no metade” [Dok, 1 ano e 7 meses no Brasil]

(5) “Os e-mails que **eu recebe**, que são de [...] é, mas os oficiais [profissionais], lá tenho também problemas para entender qual é agora o (...) que essa pessoa quer falar agora.” [Tüp, 1 ano e 3 meses no Brasil]

Na sd (3) eu=outro e, por se tratar de um verbo no passado perfeito (com diferença entre as desinências de pessoa), parece-nos que o outro foi o chefe, pois o “eu” exibiu mobilidade. A imagem feita por Dok nas sd’s (3) e (4) parecem denunciar a verticalização das relações de poder no Brasil. Nesse sentido, “eu foi o chefe” poderia estar indicando certo desconforto,

do “eu”, em ocupar tal posição, isto é, a posição do enviado da matriz / da metrópole, do superior estrangeiro, versão atualizada do colonizador.

Segundo vemos, haveria nessa não-correspondência duas possibilidades interpretativas: ou um deslocamento da posição enunciativa/ subjetiva com a qual Dok deu início ao seu processo de tomada de palavra e de posição em língua-outra ou como que uma desidentificação da posição de chefia que assumiu no Brasil. Ambas possibilidades, porém, poderiam remeter a uma mesma configuração: o que ressoam são as marcas de uma posição de chefia “não digerida”, não totalmente assumida por aquele que enuncia enquanto “eu”?

Nas sd’s (4) e (5) os enunciadores colocam-se, através das não-correspondências, metaforicamente, no lugar do outro. Enquanto na sd (4) Dok diz querer abrir a percepção dos colegas brasileiros, na (5) Tüp revela que não consegue perceber o que as pessoas que trabalham com ele no Brasil querem dizer em seus e-mails. Em ambos, portanto, ressoam itens lexicais relativos à percepção (conscientizar e entender/não entender).

Se, por um lado, o novo ambiente de trabalho, ou seja, novas formações discursivas com as quais se estabelece encontro, produz no enunciator uma percepção a ponto de ele se solidarizar com o outro e de fazê-lo igualmente perceber sua posição digna de defesa – sd (4) –, por outro é travado um confronto de percepção entre o enunciator estrangeiro e o outro que representa as novas formações discursivas – sd (5). Embora pareçam antagônicos, os dois lados compõem uma mesma unidade, constituem-se como polaridades de um todo. Além da metaforização do “eu”, poderíamos nos perguntar se ambos não refletem movimentos metonímicos, pois, cada um a sua maneira, tomam a parte pelo todo.

(6) “Ainda me lembro bem esse evento. Foi minha primeira visita aqui no Brasil. Tudo foi totalmente novo. **Foi** com olhos grandes e foi impressionante. Foi 10 anos atrás. Foi uma noite em Rio quando nós fomos para um restaurante e aconteceu num semáforo que um taxista na frente de nosso carro bateu uma menina de 5, 6, 7 anos, da mesma idade de minhas filhas, brutalmente, simplesmente porque essa menina... obviamente perguntou se ele tivesse alguma coisa para ela (...) e até hoje acho que foi a impressão mais forte. Mas pode ser que **eu** também, durante esse período aqui no país, **foi** um pouco anestesiado, adaptado para essa situação. Não mais percebi tudo isso. E... ou também não **quer** perceber tudo isso, simplesmente **virou** a cabeça para outra direção. Talvez, eu não sei.” [Dok, 1 ano e 7 meses no Brasil]

(7) “Bom, uma coisa é o pobreza, mas felizmente ou infelizmente, não sei como dizer, **eu** não **foi**, **foi** diretamente [atingido], sim. Por isso também não foi também um choque tanto. É, tem um conflito, mas... sim, não **foi** diretamente contactado com isso” [Tüp, 1 ano e 3 meses no Brasil]

Há uma nova ressonância dos itens lexicais relacionados à percepção no enunciado de Dok (6), mas, desta vez, parecendo exibir uma alienação, uma falta de percepção, ao mesmo tempo em que faz uma denúncia: a brutalidade entre as classes sociais no Brasil. Entretanto, aquele que faz a denúncia, aquele que percebe nitidamente um aspecto dessa brutalidade,

dessa verticalização das relações de poder marcada pela diferença sócio-econômica, a seguir ausenta-se dessa percepção, não quer mais percebê-la após ter sido anestesiado por essa mesma realidade.

As quatro não-correspondências do tipo eu=outro na sd (6) poderiam, no nosso entender, situar precisamente essa mudança de posição, ao mesmo tempo que contribuem, enquanto ressonâncias discursivas, para a construção de uma representação imaginária do Brasil: “constatei brutalidade entre as classes (o que poderia significar desidentificação), porém, para inscrever-me nessa realidade sociodiscursiva, tive de virar a cabeça para outra direção, anestesiando-me”. Talvez sem essa anestesia não seria possível fazer uma imagem positiva do objeto imaginário, identificar-se com ele e, conseqüentemente, territorializar-se. Nesse ponto, observamos uma estratégia de aprendizagem.

Embora a sd de Tüp (7) revele, como a de Dok (6), a percepção de que a pobreza no Brasil gera um conflito, afirma não ter tido um choque com ela. Será realmente isso? Parece-nos que o “eu” não quer participar de tal afirmativa, pois se retira exatamente no momento da afirmação – isto é, no verbo.

(8) “Uma reportagem do Mercosul. Todos os país novos... Queria ler de novo e perguntar a você algumas coisas, mas [eu] não **fez**, não fiz!” [Tüp, 7 meses no Brasil]

(9) “Não, não tem possibilidade [de manter as aulas], porque no primeiro de dezembro estou... desde o primeiro de dezembro estou em México, volto por 3 dias e depois, 10, **vai** para... vou para a Suiça. **Volta**... 10 de janeiro. Volto!” [Tüp, 7 meses no Brasil]

(10) “[Eu] não **fez** tudo! Não **terminou** a letra [ao confundir, na escrita, “mal” com “mau”] [...] Não! Só quero ver se fiz... se **fez** correto. [Silêncio]. Se fiz correto! (...) Pode ser que **eu** não **terminou** a frase” [Tüp, 7 meses no Brasil]

(11) “Tive um [sonho]. Nos últimos 7 anos tive um. Antes que [eu] **começou** ou escolhi a escola que quero fazer, de marketing. Ou, quando **saiu** da escola de comércio e administrativo, eu falei para mim, bom... quero fazer este faculdade especial de marketing, porque quero depois trabalhar para um grande empresa para ir para o estrangeiro (...) fiz 3 anos de estudo. Depois **entrou**, entrei, em um empresa.” [Tüp, 7 meses no Brasil]

(12) “Sim, [eu] **preparou**... preparei já 95% deste apresentação. Está bom. Amanhã precisa só fazer 5% e posso mandar todas coisas para Alemanha.” [Tüp, 7 meses no Brasil]

As sd's acima apresentam autocorreções, que por sua vez provam a existência de conhecimento dos sistemas gramaticais da segunda língua por parte do enunciador, porém, mesmo detendo o saber, este se mostra bipartido em duas posições subjetivas distintas: o eu e o outro. O “Um” da identificação imaginária parece ter sido suspenso nos enunciados de Tüp através da oscilação entre 1ª e 3ª pessoa do discurso. Nas seqüências de nosso corpus, a produção de não-correspondências quebra o “todo imaginário”, aquele que garante que eu sou eu, ao menos no nível da formulação explícita,

enquanto, por outro lado, em alguns casos, revela que a identificação imaginária se dá através da unidade eu=outro.

3.4. Sequências discursivas com não-correspondências do tipo

outro=eu

Partamos agora às sd's que apresentam pronomes em terceira pessoa e verbo em primeira.

(13) “**Ele gostei** muito, gostou muito. Totalmente diferente para ele, nunca experimentou [...] Não temos na Alemanha [festas de fim de ano ao ar livre]. Temos confraternizações [de natal], mas é inverno!” [Hef, 1 ano e 4 meses no Brasil, mostrando foto de um colega alemão, da matriz, na festa de fim de ano do departamento brasileiro de Hef, em um sítio, com churrasco, piscina, voley, karaokê, etc]

(14) “Mas eu ainda me lembro de ler um livro sobre o Brasil, um livro de um escritor alemão que se matou aqui no Brasil em 42 (...) Se chama “Brasil”, “Brasilien” (...) O nome do autor é Stephan Zweig. Nas primeiras páginas ele escreveu sobre a imagem geral dos europeus sobre o Brasil. O Brasil é um país tropical, quente, perigoso, etcétera, mas (...) no final do livro **ele escrevi** que... **ele também achei** que no Brasil vivem as mulheres mais bonitas do mundo. Isso já em 42, quando esse tipo de comentário acho que não é normal, que foi um período bem mais puritano, mas **ele já percebi** isso, essa característica dos brasileiros.” [Dok, 1 ano e 7 meses no Brasil]

(15) “Ele bebe muito. **Ele gosto** festas [festas]. Deve ser... sozinho ou mal casado.” [Hef, 1 ano e 3 meses no Brasil, sobre o personagem estereotipicamente brasileiro do texto trabalhado em aula]

Na sd (13) – assim como na (1) – parece ser a presença do colega alemão que faz com que “ele” seja igual ao “eu” – “ele gostei muito”. Se ele=eu, como nos mostra a não-correspondência, quem gostou de algo que nunca havia experimentado antes de vir ao Brasil foi o “eu”, a primeira pessoa de Hef. Da mesma forma, as não-correspondências da sd (14) apontam para a identificação de Dok com aquele que se matou no Brasil e que achava as mulheres brasileiras bonitas, fazendo sentido supor que Dok é da mesma opinião desse outro, no caso Stephan Zweig – e teve já a mesma percepção.

Poderíamos pensar também que algo está se reorganizando no sujeito através da transformação causada pela “morte” de algum elemento que o constituía. O alemão dentro de si, aqui identificado em Zweig, dada a não-correspondência outro=eu, deveria se matar, ou seja, se transformar. E algo seu está realmente sendo transformado em seu processo de inscrição em uma outra língua-cultura. O encontro/confronto com segundas línguas questionará, mobilizará e perturbará as formações discursivas fundadoras.

Quanto à sd (15), dizemos que já que a língua, em si, comporta a possibilidade de rupturas, a sd evidencia, além da identificação de Hef com o personagem tipicamente brasileiro, também a ruptura do enunciador com seu “eu”, a manifestação gramatical de sua pessoa: “eu não deveria gostar de festas (uma vez que estou sozinho no Brasil e minha esposa e meus

filhos na Alemanha), mas rompo com esse “eu” e assim posso me identificar com o outro, o brasileiro, e afirmar que “gosto”.

4. Possíveis conclusões

Ao nos defrontarmos, de princípio, com as não-correspondências, com o eu que se mostra como um outro e com o outro que é colocado nos enunciados como o eu, a questão da identificação imaginária acaba perpassando todos nossos gestos interpretativos⁷. Na etimologia psicanalítica, identificação (*Identifizierung*), segundo Laplanche & Pontalis (1998, p.226), seria o “processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. Assim, a personalidade se constitui e se diferencia por uma série de identificações”. Ao se identificar com dado objeto imaginário, ou melhor, com a imagem que faz desse objeto, o sujeito se torna “Um” com esse objeto. Eis a identificação imaginária.

Nesse sentido, para Pêcheux (1995, p.168), identificação seria o “deslocamento de um sujeito a outros sujeitos”. Mas há nesse processo, igualmente, a identificação de si consigo, ou seja, a ilusão necessária de que “eu sou eu”, embora o que chamamos de “eu” seja, antes de tudo, a identificação do sujeito com a formação discursiva que o constitui ou o domina.

Vimos como as não-correspondências do tipo *eu=outro* e *outro=eu* estão evidenciando a questão da identificação, e também da desidentificação, através de movimentos parafrásicos, metafóricos e metonímicos daquele que, ao mesmo tempo em que se autoriza a falar em primeira pessoa, acaba não correspondendo-se consigo mesmo, e que se mostra, assim, na forma de outras pessoas do discurso, ou, ainda, atribuindo a elas o si-próprio. Vimos, portanto, que “o fato da identificação autoriza talvez um emprego ‘literal’ da expressão ‘pluralidade das pessoas psíquicas’.”⁸ Se voltarmos agora à definição de imagem - como unidade analítica de todo processo discursivo, com capacidade de reenvio direto à realidade -, teremos de precisar a qual “realidade” as imagens das formações imaginárias acima, a partir do brasileiro e do estrangeiro, se remetem. Ora, se de acordo com Pêcheux, trata-se de um objeto imaginário - o ponto de vista do sujeito - e não da realidade física, então essa “realidade” pode ser vista como uma referência externa, ou melhor, como o efeito da fantasia do sujeito sobre uma referência externa.

Sem fazer dada imagem de uma sociedade, de seus sujeitos e da língua pela qual essa se constitui em suas mais diversas formações ideológicas e discursivas, não haveria, por parte do estrangeiro, possibilidade de enunciação em L2, ou esta estaria desprovida de um efeito de sentido. Sercovich (1977, p.43) afirma que “la reproducción de las condiciones estructurales de una sociedad exigen al discurso su constitución imaginaria”, afinal, segundo o mesmo autor, o imaginário discursivo constitui uma dimensão de toda prática social.

O sujeito quando em processo de inscrição em segunda língua-cultura, encontra imagens externas e a elas se liga através de suas próprias imagens inconscientes⁹, retomando-as. Os efeitos desse encontro revelam-se, assim,

na cadeia intradiscursiva¹⁰ através de certos lapsos, faltas, erros, “inadequações gramaticais”. A relação imaginária é, portanto, aquela estabelecida entre o sujeito e a imagem que ele faz do outro.

Nesse sentido, trabalhamos com o que Authier-Revuz (1998) chama de imaginário da enunciação e com identificação imaginária segundo a definição de Serrani-Infante (1998, p.254), cujos componentes são a “imagem” e o “eu”: “Nesta apreensão [imaginária] da relação discurso-realidade, o mundo externo não se compõe de coisas e seres, mas é fundamentalmente composto de imagens. O eu-imaginário (que enuncia seqüências intradiscursivas) se define como uma estratificação incessante de imagens continuamente inscritas em [seu] inconsciente”.

Também no caso de uma segunda língua-cultura, seria o imaginário parte crucial das condições de produção, seria propriamente “o âmbito do registro em que objetos se ligam”¹¹. Há em nosso estudo, em enunciados do tipo “você entendi o que eu falou?” uma marca explícita daquilo que está se re-arranjando internamente, ou seja, um deslocamento do centro vs. exterior, locutor vs. interlocutor, falante vs. ouvinte, na própria manifestação não previsível da pessoa gramatical.

A materialidade lingüística, mais diretamente ligada à intencionalidade, está em constante operação de interdependência com a subjetividade inconsciente e as determinações sócio-históricas do enunciador estrangeiro. Ao tomar a palavra de maneira significativa, toma-se uma posição que diz respeito aos jogos de poder entre o próprio eu, aquele que enuncia em primeira pessoa, e a imagem, espelhada, que faz de seu semelhante, ou seja, de sua própria imagem refletida no outro.

Sempre há fissuras, pontos em aberto, fios soltos na cadeia significativa. São exatamente essas fissuras - provas máximas da flexibilidade e da plasticidade do material lingüístico - que facilitam a manifestação de um eu que é um outro, que se coloca como outro. É por elas que vazam as imagens que o sujeito enunciativo faz de si mesmo, do outro e do referente. Em língua-cultura outra o descentramento daquele que enuncia em primeira pessoa parece mais evidente. É nesse sentido que Lacan (1997, p. 16) afirma: “O sujeito está descentrado com relação ao indivíduo. É o que eu é um outro quer dizer.”

É ao pegar a imagem emprestada do outro que o eu parece deslocar-se. Já não se sustenta mais ao longo da cadeia discursiva. E em sua instabilidade, em seu descentramento, enquanto aquele que se enuncia em primeira pessoa, as imagens que tomou emprestado começam a mostrar-se. Na linearidade gramatical dos enunciados, quebras causadas pelas não-correspondências entre pronome reto e pessoa verbal colocam em jogo uma posição subjetiva outra através de uma posição enunciativa outra. No eixo das relações imaginárias, essas quebras dizem respeito, simultaneamente, ao outro - enquanto singularidade - e ao Outro - de sua própria constituição inconsciente - em função dos quais se constitui quando em tomada de palavra e de posição, no caso em segunda língua-cultura.

Resumindo, a consideração de “falhas” como as não-correspondências é relevante para trabalhar estratégias de aprendizagem,

refletindo sobre descentramentos do sujeito; rearranjos ou reorganizações internas; e mudanças de posição enunciativa, ao tomar-se a palavra de maneira significativa em segunda língua.

NOTAS

- 1 Este trabalho é resultante da Dissertação de Mestrado “Além da Inadequação Gramatical: Visão Discursiva das Instabilidades do Eu em Língua Estrangeira”, defendida no DLA-IEL-UNICAMP, em 22/12/2000 e realizada com orientação de Silvana Serrani.
- 2 Beacco, 1993; Lennon, 1991; Lyster, 1998; Lyster e Ranta, 1997; Stirman-Langlois, 1995; Stockam e Pluut, 1999.
- 3 Cf. Authier-Revuz (1998).
- 4 Embora “você” seja um pronome de tratamento, é normalmente usado no Brasil como pronome pessoal do caso reto e, em função desse uso, assim será considerado neste trabalho.
- 5 Dois exemplos desses textos constam no Anexo deste trabalho.
- 6 Lembremos, p.ex., que em 1945 dois terços da população alemã eram compostos por mulheres.
- 7 Lembremos que este trabalho é marcado pela análise do discurso, que, enquanto *disciplina de interpretação*, permite ver certos gestos de deslocamento: todo enunciado é suscetível de se deslocar, discursivamente, de seu sentido para derivar a um outro.
- 8 Freud (*Aus den Anfängen der Psychoanalyse: 1887-1902*, p.211) apud Laplanche & Pontalis, 1998, p.228.
- 9 Riolfi (1999, p. 66-67) lembra-nos que Lacan “*vai mostrar que o campo da realidade, longe de se confundir com um real objetivo das coisas, só funciona ao ser obturado pela tela da fantasia.*”
- 10 Não desconsideremos, entretanto, que também há as imagens pré-conscientes e conscientes.
- 11 Cf. Serrani-Infante, 1997.
- 12 Fragmentos de Fernandes, M. *Que país é este?* São Paulo: Círculo do Livro, 1978, onde alguns problemas do Brasil, no período militar, são vistos com uma ironia ácida, porém não sujeita à censura, já que então começava o movimento de abertura e anistia política no país.
- 13 Fragmento de Buarque de Holanda, S. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, obra de referência em Ciências Humanas, relativa aos aspectos históricos, sociais e culturais do país, desde a chegada dos primeiros colonizadores e invasores e de seu contato com os nativos, passando pelas grandes levas de escravos e imigrantes, suas formações

fundadoras – dos países de origem -, bem como da sociedade que aqui se formou com o estabelecimento desses “outros”, isto é, dos que vieram de fora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Authier-Revuz, J. (1998) *Palavras Incertas - As Não-Coincidências do Dizer*. Campinas-SP: Ed. da Unicamp.
- Beacco, J-C. (1993) “Cultures grammaticales et demande métalinguistique”. In *Études de Linguistique Appliquée*, n.º 92.
- Carvalho, G.M. M. DE. (1995) *Erro de Pessoa: Levantamento de Questões sobre o Equívoco em Aquisição da Linguagem*. (Tese de doutorado sob orientação de Lemos, C.). IEL-Unicamp.
- Castro, V. & DOI, E. T. Janeiro-Junho. (1995) “O Erro como um Ponto de Reflexão sobre o Processo de Leitura em Língua Estrangeira”. In *Trabalhos em Lingüística Aplicada* n.º 25. Universidade Estadual de Campinas.
- Durand, G. (1969) *Les structures anthropologiques de l’imaginaire*. Paris: Bordas.
- Freud, S. (1987) *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (Obras Psicológicas de Sigmund Freud: edição standart brasileira). Rio de Janeiro: Imago.
- Kant, I. (1992) *Lógica*. Trad. Guido Antônio de Almeida do original alemão *Immanuel Kants Logik, ein Handbuch zu Vorlesungen*, texto estabelecido por Gottlob Benjamin Jäsche, 1800. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Lacan, J. (1997) *O Seminário - livro 2 - O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laplanche, J. & Pontalis J.-B. (1998). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lennon, P. (1991) “Error: Some Problems of Definition, Identification, and Distinction”. In *Applied Linguistics*, n.º 12-2. Oxford University Press.
- Lyster, R. (1998) “Recasts, Repetition, and Ambiguity in L2 Classroom Discourse”. In *Studies in Second Language Acquisition*. Cambridge University Press.
- Lyster, R. & Ranta, L. (1997) “Corrective Feedback and Learner Uptake - Negotiation of Form in Communicative Classrooms”. In *Studies in Second Language Acquisition* n.º 19. Cambridge University Press.
- Melman, C. (1992) *Imigrantes. Incidências Subjetivas das Mudanças de Língua e País*. São Paulo: Escuta.

- Pêcheux, M. (1995) *Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas-SP: Ed.Unicamp.
- Pêcheux, M. (1997) “Análise Automática do Discurso (AAD-69)” e “Análise do Discurso: Três Épocas”. In Gadet F. & Hak, T. (Org.) *Por uma Análise Automática do Discurso*. Campinas-SP: Ed. da Unicamp.
- Pelly, M.E. (1986) *Notas para una Explicación de la Persona Gramatical*. La Habana: Instituto de Literatura y Lingüística de la Academia de Ciencias de Cuba.
- Pereira de Castro, F. (1997) “A Interpretação: A Fala do Outro e a Heterogeneidade da Fala da Criança”. In Sherer, A. E. & Coracini, M. J. *Letras*. Universidade de Santa Maria-RS.
- Sercovich, A. (1977) *El Discurso, el Psiquismo y el Registro Imaginário (Ensayos Semióticos)*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.
- Riolfi, C. (1999) *O Discurso que Sustenta a Prática Pedagógica*. (Tese de doutorado sob orientação de Leite, N.) IEL – Unicamp.
- Serrani-Infante, S. (1991) *A Paráfrase como Ressonância Interdiscursiva na Construção do Imaginário de Língua*. (Tese de doutorado sob orientação de Orlandi, E.). IEL – Unicamp.
- Serrani-Infante, S. (1993) *A Linguagem na Pesquisa Sociocultural. Um Estudo da Repetição na Discursividade*. Campinas-SP: Ed. da Unicamp.
- Serrani-Infante, S. (1998a) “O Estudo das Não-Coincidências do Dizer de Jacqueline Authier-Revuz e a Perspectiva Transdisciplinar em Lingüística Aplicada. In *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 28, pp 67-72.
- Serrani-Infante, S. (1998b) “Identidade em Segundas Línguas: As Identificações no Discurso”. In Signorini, I. (Org.) *Lingua(gem) e Identidade*. Campinas-SP: Mercado de Letras, pp.231/264.
- Serrani-Infante, S. (2000) “Singularidade Discursiva na Enunciação em Segundas Línguas”, *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 38. Campinas, pp. 109-120.
- Serrani-Infante, S. (2001) “Resonancias discursivas y cortesía en prácticas de lecto-escritura”. *Revista D.E.L.T.A.*, São Paulo, Vol 17.1, pp. 31-58.
- Stirman-Langlois, M. (1995) “Discours Écrit des Apprenants et Pédagogie de la Faute”. In *Le Français Dans le Monde*. Edicef: juillet.
- Stockman, I. & Pluut, E. (1999) “Segment Composition as a Factor in the Syllabification Errors of Second-Language Speakers”. In *Language Learning*, n.º 49-1. University of Michigan.

ANEXO

Anexo I - Fragmentos de texto de Millôr Fernandes¹²

O sucesso do futebol [brasileiro] é que ele é igualzinho ao Brasil. Não tem lógica (...) Todos os demônios juraram que não descansariam enquanto não transformassem o Rio de Janeiro numa sucursal do inferno (...) No Brasil jamais haverá um Watergate. Para controlar os telefones é preciso, antes de tudo, fazer com que eles funcionem (...) Brasileiro só rouba em legítima defesa (...) Cataratas do Iguaçu – a mais maravilhosa queda do mundo (de água), 28% argentina, 21% paraguaia e 51% brasileira. Como acionista majoritário desse gigantesco caudal, o Brasil o vem utilizando largamente, sobretudo para lindas fotografias (...) Jôquei Clube Brasileiro – lugar onde o estrangeiro poderá conhecer os maiores cavalos do país, alguns dos quais na pista (...) Breve, em Ipanema, mais um lançamento: edifício com 800 andares, apartamentos todos de frente, com maravilhosa vista sobre Angola (...) Se o país continuar desse jeito vão acabar tendo que apelar para a competência (...) No Brasil, 70% da população morrem por falta de médicos. Os outros 30% morrem nas mãos de médicos (...) É quase impossível explicar para os estrangeiros as extraordinárias sutilezas de nossa nacionalidade (...) Responda depressa: se as punições do Corão fossem também aplicadas no Brasil, quantos manetas teríamos nas altas esferas? (...) Dividimo-nos orgulhosamente em 60% de analfabetos, 40% de ignorantes, e o resto de dirigentes (...) Os alemães criaram uma palavra para designar a sua elite intelectual: *intelligentzia*. Mas só há uma palavra para designar a nossa elite política: *ignorantzia*.

Anexo II - Fragmento de texto de Buarque de Hollanda¹³

“A tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.”